



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

FERNANDA SALES BARROS

**A participação de Manoel de Barros no contexto do movimento
Quebra-Quilos.**

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

FERNANDA SALES BARROS

**A participação de Manoel de Barros no contexto do movimento
Quebra-Quilos.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Formação e Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof.Ms. José Pereira de Sousa Júnior.

CAMPINA GRANDE – PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

B277p Barros, Fernanda Sales.

A participação de Manoel de Barros no contexto do movimento quebra-quilos [manuscrito] /Fernanda Sales Barros. – 2012.
26f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof.Ms. José Pereira de Sousa Júnior,
Departamento de História”.

1. História. 2. Quebra-Quilos. 3. Campina Grande/PB. I.
Título.

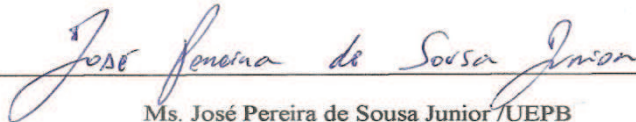
21. ed. CDD 908

FERNANDA SALES BARROS

**A participação de Manoel de Barros no contexto do movimento
Quebra-Quilos.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Formação e Licenciatura Plena em História.

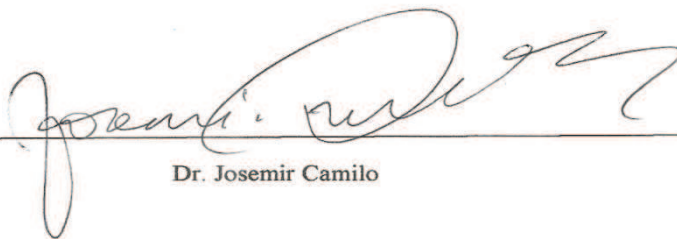
Aprovada em 06 de Dezembro de 2012



Ms. José Pereira de Sousa Junior /UEPB
Orientador



Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo



Dr. Josemir Camilo

A participação de Manoel de Barros no contexto do movimento Quebra-Quilos.

BARROS, Fernanda Sales ¹

RESUMO

A história paraibana retrata um dos maiores e mais conhecidos movimentos sociais que aconteceu no Norte do Brasil durante a década de 1870, o então Quebra-Quilos. Este mesmo movimento vai expressar em linhas gerais o desgaste de um povo, que já não suportava os mandatos de um governo Imperial, pois durante este período as taxas de impostos que serão cobradas da população atingirão um nível exorbitante, em cima da crise econômica e política que o norte brasileiro passava, além de ser acompanhada pelo novo mandato do governo que impunha o novo sistema métrico brasileiro de pesos e medidas para os trabalhadores feirantes. Porém diante deste mesmo movimento que tem por seu início o então povoado de Fagundes pertencente a Campina Grande e se espalha até as províncias imperiais de Pernambuco, Alagoas e Rio grande do Norte, alguns dos que estão dentre as massas populares, possuem em meio aos conflitos outros objetivos, em exemplo Manoel de Barros, mas conhecido como Neco de Barros. Este colocado na história oficial paraibana como um cangaceiro, líder de um grupo participante do Quebra-Quilos, que no dia 23 de Novembro do ano de 1874, arromba a cadeia pública da cidade de Campina Grande e liberta todos os presos ali presentes. Mas através da pesquisa, estudo e análise de fontes bibliográficas, documentais e orais, acompanhadas também pela teoria da história social de Thompson, mostraremos neste artigo a real intenção do então popular Neco de Barros, que tem como objetivo principal participar do movimento não para reivindicar o direito dos feirantes contra os impostos e o novo sistema métrico, mas sim libertar o seu pai da prisão, que paga por um crime de assassinato que o filho Neco cometeu.

PALAVRAS-CHAVE: Quebra-Quilos. Neco de Barros. Assassinato.

¹ Graduada em fase de conclusão do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba. fernandasalesbarros@hotmail.com.

ABSTRACT

The Paraíba story portrays one of the largest and most well-known social movements that took place in northern Brazil during the Decade of 1870, then Wraps-Pounds. This same movement will express generally speaking wear of a people, that they no longer supported the mandates of an Imperial Government, because during this period the tax rates that will be charged of the population will reach an exorbitant level, on top of economic and political crisis that the Brazilian North passed, and is accompanied by new government mandate that required the new Brazilian metric system of weights and measures for stallholders. However given this same movement which has its beginning the then village of F belongs to Campina Grande and spreads up the imperial provinces of Pernambuco, Alagoas and Rio grande do Norte, some of which are among the popular masses, have amidst the conflicts other objectives, in example Manoel de Barros, but known as Neco de Barros. This placed in the official history of Paraíba as a Bandit, leader of a group participant of Pounds, which on November 23 in the year 1874, breaks into the jail of the city of Campina Grande and frees all the prisoners there. But through research, study and analysis of bibliographical, documentary and oral sources, accompanied also by the theory of the social history of Thompson, we'll show you in this article the real intention of the then-popular Neco de Barros, that has as main objective to participate in the movement to claim the right of stallholders against taxes and the new metric system, but rather to free his father from prison, which pays for a crime of murder the son Neco committed.

Keywords:Jigsaw-Pounds. Neco de Barros. Murder.

1. INTRODUÇÃO

O contexto em que vivia a sociedade brasileira durante os anos de 1870 foi cenário de muitas mudanças durante todo o tempo, sejam elas no aspecto político, econômico e social. A partir de meados do século XIX, o país imperial passa a conviver com uma nova dinâmica movida pelo deslocamento do eixo econômico brasileiro, que deixa de ser localizado no nordeste do país e passa a fazer parte agora do então centro-sul de nossa nação. Antes de um melhor esclarecimento, ainda em torno dessas transformações econômicas, sociais e políticas, uma outra questão é extremamente marcante para a época: o sistema de escravidão, que já não poderia ser considerado mais com o mesmo de algumas décadas que antecedia os anos de 1870.

A busca pela liberdade já era bem mais intensa, havia-se todo um processo para que a abolição da escravidão brasileira acontecesse, o número de movimentos abolicionistas mostrava que a sociedade escravocrata não detinha mais de tantas forças contra o escravismo, e a luta pela então sonhada liberdade por parte dos negros escravos ficava cada vez mais intensa. De uma forma geral estas mudanças de cunho social, político e econômico vão interferir de forma direta na vida do povo brasileiro; valendo-se ressaltar que a interferência não acontecerá apenas nas classes consideradas de níveis altos, mas também naquelas tidas como mais baixas em termos econômicos. Pois a soma dessas diversas novidades, resultaram em movimentos sociais na vida dos brasileiros, nordestinos, paraibanos, e porque não dizer campinenses, que neste momento de mudança do poder político e econômico nordestino para o centro-sul, com o surgimento de novas leis e movimentos contra a escravidão e também contra o sistema imperial apoiando a adesão à República, aparecem nas mais conflituosas situações da sociedade, em suas diversas formas.

Mas voltando um pouco ao que já estava sendo discutido no início, de um modo geral em 1870 o reflexo de todo o meio social foi espelho do que já se manifestava em algumas décadas anteriores. Em 1850, por exemplo, com a Lei Eusébio de Queirós o tráfico de escravos deu-se por encerrado, e a partir de então os grandes produtores brasileiros, principalmente os das áreas da cana-de-açúcar já não tinham as suas necessidades atendidas nas questões ligadas diretamente ao lucro, pois além de estarem passando por uma crise na produção açucareira, agora teriam que adquirir seus trabalhadores escravos de uma maneira mais dificultosa. Até mesmo, quando se inicia o processo do cultivo de café, nos primeiros grandes cafezais se tornaram faltosa a mão de

obraescrava, o número era reduzido, provocando assim a necessidade do atendimento pelo Tráfico interprovincial. Ou seja, como a demanda da produção dos cafezais sulistas era muito grande, a melhor forma encontrada de maneira rápida, era trazer os negros escravizados para as províncias do sul; provocando por assim dizer mais uma complicação para a tamanha crise nortista.

E é bem verdade que as lutas dos abolicionistas, já realizavam todo um aparato para que os acontecimentos no meio social resultassem em movimentos que a cada dia colocassem em cheque a escravidão, mas para uma sociedade, ou melhor dizendo, para uma classe social que estava acostumada a obter seus “trabalhadores sem custos” advindos do continente Africano, o fim do tráfico resultaria num grave problema a ser resolvido, até mesmo porque o início do tráfico interprovincial possibilitava uma melhora para o centro-sul, porém para o norte com a crise que se passava, o aumento da escassez de sua mão de obra e a elevação do preço dos escravos, provocaria porque não dizer, um desespero para os grandes senhores do norte.

Mas as pressões inglesas também vão chegar contribuindo de intensa forma para o fim do Tráfico e o fim da escravidão, pois com a dita Revolução industrial, seria necessário um mercado consumidor para a compra de suas mercadorias, e como ocorreriam as compras se não houvesse trabalhadores com seus salários mantidos? Além disso, outras leis e acontecimentos vão se manifestando no meio social de nosso país, como a Lei de Terras que se dá no mesmo ano do fim do Tráfico, estabelecendo que a partir daquele momento quem tomasse posse de terras, teria que “pagá-las”, ou seja, a população mais pobre é quem mais iria ser prejudicada com tal situação. Porém para que não ficassem completamente sem a terra de seu plantio, a população por muitas vezes trabalhava para os fazendeiros recebendo em troca uma pequena porção de terra, onde cultivaria produtos de subsistência e de certa forma resistiria a dificuldades que a população mais pobre do período imperial, passou no Brasil.

Surgindo então a crise econômica por qual se passava o principal produto que gerou tanta riqueza para os nortistas o açúcar cultivado na área do litoral, vem também com o agravante relacionado ao algodão no sertão desta mesma região; ou seja, o meio financeiro que já não estava em uma situação tão confortável passa a ser tornar quase que insuportável, como se pode constatar: *“A crise porém não se limita á zona açucareira. Terminada a Guerra do Paraguai, o algodão, em cuja área de plantio*

desenvolve-se particularmente (...), também é um produto ameaçado.”² Os preços relacionados ao mercado exterior estavam em tamanha desvantagem, já que os Estados Unidos cresciam com suas plantações de algodão e na Europa o açúcar da beterraba começava a ser cultivado, ao mesmo tempo em que as Antilhas aperfeiçoavam a sua também produção açucareira. Levando então o preço do açúcar e do algodão no comércio internacional a ser bem mais barato, do que os mesmos produtos cultivados pelos brasileiros.

Então pode ser nitidamente percebido que o Nordeste vinha passando nos anos que antecediam a década de 1870, por dificuldades relacionadas diretamente as questões vinculadas a economia, devido ao surgimento das concorrências e da tributação imperial cobrada sobre estes mesmos produtos, afinal os luxos imperiais não poderiam deixar de serem financiados, pois como podemos ver em Armando Souto Maior: “ *A herança secular da miséria no interior do Nordeste fora agravada, na década de 1870-1880, pelo fisco imperial que continuou a tributar o algodão e o açúcar com os mesmos impostos (...)*” (1978, p.11). Esta região antes acostumada a ser o centro gerador da economia brasileira, agora passa a lidar com a crise de seus produtos e percebe que ao mesmo tempo o seu posto de centro econômico vai sendo adquirido pelos cafeicultores do centro-sul e sua base escravista tida fortemente em seu cotidiano, é quebrada pelo aumento do tráfico interprovincial e pelas leis então abolicionistas.

Mas a década de 1870 no Brasil, também vai ser marcada pelo início da industrialização na produção relacionada ao espaço têxtil, ao desenvolvimento do transporte com as ferrovias e os barcos a vapor, além da própria urbanização que se acelera em nosso país. Levando em consideração que este processo de urbanização está relacionada a transferência na Corte Real para terras brasileiras, devido ao Bloqueio Continental instaurado pelo então Imperador Francês Napoleão Bonaparte, que declararia aos países europeus a não comercialização com a Inglaterra, e como os portugueses mantinham uma amizade comercial com os ingleses não aceitaram tal imposição Napoleônica, vindo então para o Brasil após perceber que esta não aceitação provocaria um ataque militar de Napoleão e seu exército. Se estabelecendo na cidade do Rio de Janeiro, é inegável que a família real e sua corte proporcionam o então desenvolvimento da área urbana brasileira.

² Ver MAIOR, Armando Souto. *Quebra-Quilos Lutas sociais no outono do Império*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

A vinda dos imigrantes para o Brasil, também vai se tornar um dos pontos principais dos acontecimentos que marcaram o período abordado, até porque como já foi comentado e discutido o processo do Tráfico Negreiro já tinha sido abolido, as novas ideias e leis abolicionistas surgiam a cada dia e os próprios escravos também já lutavam pela busca de sua liberdade, realizando fugas e praticando alguns métodos de resistência dentro da própria lavoura, como exemplo, a realização da produção do seu serviço de forma mais lenta, a quebra de equipamentos usados em seus trabalhos, a danificação de plantações, dentre outros. Resultando que a expansão cafeeira avançava a cada dia e eram necessário trabalhadores que cultivassem a matéria-prima dos cafezais, para que a fossem transformadas em produto; e a esse papel ficou a cargo dos imigrantes europeus. E estes imigrantes que vieram para o Brasil a partir da década de 1870 obtiveram sua entrada no país de forma a ser oficialmente organizada pelo governo, pois o trabalho dos mesmos foi importantíssimo para o desenvolvimento das plantações de café em nosso país; pois são comprovados os números quando abordam o crescimento econômico brasileiro nas épocas de seus grandes cafezais, assim como antes havia sido no auge do açúcar.

Enquanto as novas leis abolicionistas vão sendo colocadas para a sociedade, dentre elas a lei do ventre livre (1871) onde a partir daquela mesma data todo filho de escravo nascido seria livre; fica perceptível que de certa forma essas tais leis seriam controversas, pois qual filho ficaria longe de sua mãe após o nascimento, mesmo que fosse “liberto”? Teria que conviver com a mesma em meio ao trabalho escravo e de certa forma realizando alguns serviços, poderiam ser livres no papel, mas nas circunstâncias reais o cenário escravo, continuava o mesmo. Claro que as novas ideias de cunho abolicionista e republicano, e até mesmo os pensamentos racistas de autoridades da época que viam a imigração também como uma forma de branqueamento proporcionavam uma grande mudança no sistema escravocrata, mas para os homens e mulheres que ainda conviviam com seus senhores a realidade era de certa forma a mesma, ou seja, o modo da escravidão, ainda não teria acabado. Até mesmo depois que a Lei Aurea foi assinada pela princesa Isabel em 23 de Maio de 1888, a escravidão pela lei passa a ser proibida, como comprova atualmente o *Art. 149*:

Reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto: Pena – reclusão, de dois a oito anos, e multa, além da pena correspondente à violência. ³

³ Ver Art. 149 do Código Penal – Decreto Lei 2848\40

Mas na prática o modo de trabalho escravo em nossa sociedade continua sendo realizado até os atuais dias, com as mesmas longas jornadas de trabalho, muitos dos trabalhadores sem remuneração, exercendo o trabalho pelo pagamento de dívidas, sem possuírem nenhum direito trabalhista, ou seja, a lei foi colocada, mas a prática da mesma não é realizada.

E assim encontrava-se o contexto da sociedade brasileira durante a década de 1870, com mudanças econômicas nítidas de norte a sul do país, incluindo novidades no sistema escravo com a busca pela abolição, e também nos pensamentos envolvidos em revoltas republicanas. Os conflitos da época como a Guerra do Paraguai, onde a luta armada no sul da América vão ocasionar despesas e mortes, para que então o Brasil saia vitorioso, dentre outros acontecimentos que movem a nossa história. Mas sem sombra de dúvidas a mudança maior ocorreu no norte do nosso território, na região nordeste que era caracterizada pelo sistema totalmente escravocrata, no uso da grande lavoura com o plantio de mercadorias antes tão valiosas, como o açúcar e o algodão e sendo o centro econômico e político do país; e se via no mesmo lugar territorial, mas não no mesmo lugar de posição que detinha. Ou seja,

Na segunda metade do século XIX operava-se uma mudança na correlação de forças sociais e políticas, significando um novo rearranjo na geografia do poder nacional entre as elites, os grupos subalternos e o Estado Imperial, processo esse caracterizado por transformações de natureza, política e ideológica, com nítidas e substanciais variações regionais. De um lado, as elites proprietárias do Norte, que viviam as dificuldades advindas do que convencionou chamar de “crise da grande lavoura”, quadro esse agravado devido a queda do preço do açúcar e do algodão no mercado internacional. De outro, a ascensão das novas elites cafeeiras do centro-sul, que se aproveitaram da proximidade da Corte para consolidar os seus interesses cada vez mais hegemônicos.⁴

É claro que essas mudanças ocorridas na parte, econômica e social brasileira foram acontecendo de maneira gradativa, mas a queda dos preços de suas mercadorias no mercado internacional e o seu poder econômico sendo passado para outra região foi como uma grave doença para os nordestinos; e sem contar com a grande seca que aconteceu na mesma, atingindo ainda mais os problemas regionais. Ficando então perceptível que os acontecimentos pelos quais se passaram o século XIX na década dos 1870 trouxeram para a vida da sociedade nordestina um novo caráter em sua base econômica-social. Afetando nitidamente a parte norte do país, a crise econômica alcançará os diversos níveis sociais, desde os ricos senhores de engenho que cultivavam a cana-de-açúcar e seus derivados, os fazendeiros que também realizavam o plantio do

⁴ Ver LIMA, Luciano Mendonça. Derramando Susto: os escravos e o Quebra-Quilos em Campina Grande. Campina Grande: EDUFCA, 2006.

algodão, até o mais humildes que sustentava a vida de sua família através do seu trabalho nas feiras, e estes através de revoltas sociais reivindicarão os seus direitos contra os desmandos e os abusivos impostos do governo imperial brasileiro.

Então como objetivo geral deste trabalho, através do uso de fontes bibliográficas, documentais adquiridas com o professor Luciano Mendonça de Lima, que transcreveu vários documentos pesquisados em cartório, dentre eles o “Sumário de Culpa”, presente no cartório do 3º Ofício Cível de Campina Grande, e orais como a entrevista, pretendemos abordar a situação por qual se passava a população do norte brasileiro na década de 1870, destacando a crise que norteava a sociedade, através da autoridade imposta do governo, destacando o movimento Quebra-Quilos, que ganha força e conhecimento através das lutas contra os abusivos mandatos imperiais. E dentro deste mesmo movimento social, alcançaremos os objetivos específicos em torno da história que se perpassa dentro do Quebra-Quilos com a participação do então Neco de Barros, levando este mesmo trabalho a discutir o que teria motivado a população a participar deste movimento? Será que havia um objetivo único de participação no Movimento Quebra-Quilos para todos? Pois ficará cabível ao nosso saber, que muitos estavam em meio à multidão do movimento popular, mas o objetivo central e exclusivo de alguns dos seus participantes, não se tornará o mesmo. E baseando-se então na história social de Thompson, onde os personagens ganham nomes, colocaremos em pauta os participantes do Quebra-Quilos, em suas lutas e relações sociais e em seus significados para os diversos sujeitos históricos. Dando-se ênfase as práticas dos grupos que eram considerados subalternos pela história oficial paraibana, em suas relações horizontais e verticais de confrontos, bem como sobre os processos de construção de identidades e diferenças.

2. O QUEBRA-QUILOS.

E como falar dos movimentos sociais que perpassaram no Brasil durante a década de 1870 e não destacar o então Quebra – Quilos? Até porque foi um dos movimentos que esteve incluso na situação pela qual se passava o então Norte do Brasil em sua crise econômica, política e social. Já também escrito pelos mais diversos autores como:

Augusto Henrique Millet, Irineo Joffily, Coriolano de Medeiros, Horácio de Almeida, Elpídio de Almeida, Armando Souto Maior e o atual Luciano Mendonça de Lima, dentre outros. Muitos dos primeiros autores relatam o movimento Quebra-Quilos no mesmo instante em que estava acontecendo, como afirma o próprio Luciano Mendonça de Lima em uma de suas obras:

“As primeiras interpretações sobre o Quebra-Quilos, enquanto fenômeno histórico, foram feitas quase que no “calor da hora” por autores contemporâneos dos acontecimentos, que o tomaram como objeto de análise, algo que não deixa também de ter suas implicações, tanto teóricas como ideológicas.” (LIMA, Luciano Mendonça. Derramando Susto: os escravos e o Quebra-Quilos em Campina Grande. Campina Grande: EDUFPG, 2006, p.62)

O movimento Quebra-Quilos mostra o poder de conhecimento que obteve durante e após sua efetiva movimentação social, por muitas vezes mal vista e criticada pelos autores de sua época e de alguns outros que escreveram sobre o mesmo movimento social anos à frente. Já pelos autores mais contemporâneos, como exemplo Luciano Mendonça de Lima, podemos perceber um outro olhar diante desse dito movimento popular, colocando aqueles personagens que antes foram silenciados pela história oficial paraibana por muitos anos, no lugar de “destaque” no meio do próprio movimento, fazendo-se valer dos seus principais objetivos de luta e conquistas.

Sabemos que o Quebra – Quilos tem por seu início o ano de 1874 no então povoado de Fagundes pertencente a Campina Grande, e ganha força chegando as províncias imperiais de Pernambuco, Alagoas e Rio grande do Norte. Tendo como principal objetivo reivindicar os mandatos de um estado imperial, que visava viver um “luxo” sobre a cultura e os impostos de um povo; primeiramente em termos culturais poderíamos relatar que as medidas tomadas pelo sistema de governo do então D. Pedro II sobre a população a partir da efetiva data de 1872 colocaria um novo sistema métrico de pesos e medidas, de caráter francês na sociedade brasileira. E é bem verdade que desde os anos de 1862 foi aprovada a lei que determinava este novo tipo de sistema, mas o seu efetivo decreto colocaria em cheque uma cultura de feirantes tidas a séculos usando medidas como: a braça, a légua, o feixe, o grão, a onça, o quinta, dentre muitos outros, bem diferentes do então novo sistema métrico imposto pelo então Império.

Ou seja, as pessoas que eram acostumadas com o seu sistema de pesos e medidas ensinados por seus pais e avós, agora teriam que se adequar a um sistema imposto pelo

nosso então Imperador D. Pedro II; que para piorar tal situação, também colocaria em questão os termos relevantes aos novos impostos cobrados na época, surgindo assim o chamado imposto do chão, que ocorria justamente em dias de feira, sendo aos sábados e quintas onde os arrematadores que eram os cobradores de impostos, exigiam da população de vendedores feirantes um alto valor sobre o chão em que eles estavam, melhor dizendo, sobre o lugar que o trabalhador ocupasse. E indignados com tais situações, a população insatisfeita com as exigências do sistema Imperial, começa a se revoltar contra os ditos mandatos dos então governantes, e pequenas movimentações começam a surgir, dentre elas, o então movimento social Quebra-Quilos que já começa inicialmente a ganhar fôlego.

E após os primeiros indícios localizados em Fagundes, os revoltos vão em direção ao município de Campina Grande, organizados em grupos populares sobre a direção de João Vieira, mas conhecido como o João Carga D'água. Esses mesmos populares não queriam nada mais do que o respeito dos grupos mais poderosos sobre a população trabalhadora, a final a crise por qual passava a sociedade da época já abalara bastante a todos e com o aumento da pressão imperial sobre os mais pobres na obrigação da aquisição do novo sistema de medidas junto a cobrança abusiva dos impostos, foi como a então chamada “gota d'água” para os populares que sentiram-se lesados pelo governo. Ou seja, quando houve a junção do novo sistema de pesos e medidas, com o imposto do chão, mais as novas regras do recrutamento militar, os populares se sentiram obrigados a optarem por duas das situações a seguir: ou aceitavam mais uma vez os mandatos imperiais por parte do governo, ou lutariam contra os mesmos para que as dificuldades impostas nos últimos anos pelo meio social em que viviam, não piorassem ainda mais.

A luta foi constante durante o ano do movimento Quebra-Quilos, os populares organizaram-se em grupos e foram à luta pela melhoria de suas condições de vida; ao contrário do que muitos autores da época do movimento afirmavam que os mesmos eram um grupo de desordeiros, desocupados que afligiam a boa ordem da província, como afirma o então autor Elpídio:

Foi um movimento sedicioso sem idealismo, selvático, sem orientadores conhecidos, sem chefes descobertos responsáveis. Grupos de camponeses ignaros, a que se iam agregando desajustados e criminosos, saíam a invadir povoações, vilas, cidades, soltando presos, perseguindo maçons, tomando dinheiro, ameaçando, destruindo pesos e medidas, incendiando arquivos públicos. ⁵

⁵Ver LIMA, Luciano Mendonça. Derramando Susto: os escravos e o Quebra-Quilos em Campina Grande. Campina Grande: EDUFCEG, 2006, passim.

Os grupos de populares liderados por João Carga D'água mostraram que o movimento social em si não veio do nada e foi para o nada, houve sim uma preocupação organizacional; até mesmo porque eles se encontravam para determinarem seus meios e estratégias de lutas que surpreendiam as muitas autoridades locais, como o então juiz de direito, e chegando até mesmo aos ouvidos das autoridades maiores do Império brasileiro. Confirmando assim que os grupos que se reuniam, para em dias de feira expressarem as suas reivindicações e que por diversas vezes saíram nas ruas da província para invadirem os cartórios, no objetivo de queimarem os documentos oficiais do governo que decretavam as novas ordens para a população; não saiam nas ruas ou se manifestavam nas feiras, simplesmente porque gostariam de praticar a desordem, mas mostravam através de suas próprias manifestação que possuíam um objetivo, não aceitando o novo sistema métrico, os impostos, dentre outros. Pois, como comenta Lima:

Embora tenha sido, em parte, uma luta para alcançar objetivos imediatos, a ação dos revoltosos combinou, um grau variado, espontaneidade e organização, estando longe de ter sido algo irracional e destrutivo, como deixam transparecer algumas fontes e autores que se defrontam com o tema. ⁶

E é bem verdade que centenas de pessoas invadiram a feira da cidade protestando contra os novos pesos e medidas, as mesmas quebravam os moldes de quilos dos feirantes, que eram fornecidos (vendidos ou alugados) pela administração municipal, invadiram os mercados, coletorias e a própria Câmara Municipal, destruindo os novos padrões e queimando os arquivos contábeis e os decretos de lei do governo; mas nada que o pudesse classificá-los como alguns dos autores de seu tempo os classificam de selvagens, desordeiros, que queriam apenas praticar a desordem e não obtinham um líder responsável. Pois se realmente o movimento Quebra-Quilos era tão desorganizado, por que então este mesmo movimento ganhou tanta proporção? Por que será que o juiz de direito se reuniu com as autoridades locais, e chamou João Carga D'Água para um encontro imediato na casa de Vigário Calixto Correia de Nóbrega? Afinal as autoridades queriam apaziguar a situação tentando fazer um acordo, e percebemos que o Quebra-Quilos, ficou sim longe de ser um ato irracional.

O movimento Quebra- Quilos teve um alvo e teve um objetivo, os líderes mesmo que populares sabiam muito bem o que queriam e aprenderam a não aceitar imposições governamentais. Por este motivo o tamanho da revolta, a população de certa forma já de estava mais do que esgotada, e as reivindicações estavam estabelecidas em o não

pagamento dos impostos pelo lugar que trabalhavam, pois afinal o chão era de todos, os novos pesos e medidas (além da imposição em não aceitar esta novidade era a de ser também pela tradição dos feirantes), havia mais um gasto com a compra ou aluguel desses equipamentos e o aumento dos custos sobre os produtos vendidos, que de maneira nenhuma alegraria a população. Já a questão do alistamento, gerou o medo dos populares, em ser uma forma de castigo, colocando-os como escravos, já que o então Tráfico Negreiro havia sido proibido e necessitava-se de um maior número de trabalhadores braçais para realizar o trabalho nas grandes áreas de cultivo.

Ou seja, o movimento popular foi resultado de uma crise que o país já estava passando. E a revolta misturada as reivindicações vão ser tamanhas que as autoridades militares percebem que as suas forças não iram mais suportar e chegam a tomar um rumo para alguns lugares mais distantes, até que os ânimos se aquietem um pouco mais. E neste mesmo momento Campina Grande fica sobre as mãos dos populares, mas não por muito tempo, quando ocorre a volta do poder militar sobre a revolta, os “problemas” conseguem ser resolvidos e os mais exaltados sofreram as punições.

Mas até que chegasse tal momento, muita coisa aconteceu em meio à revolta, dentre tais acontecimentos, o comentado episódio do arrombamento da cadeia, que para este trabalho ganhará um destaque; mas que faz completa referência ao movimento Quebra-Quilos, em desafio as autoridades. Quando um grupo vindo de Queimadas liderados por Manoel de Barros, mas conhecido como Neco, invade a cadeia pública de Campina Grande e liberta todos os presos que estavam naquele lugar, dentre eles o seu pai chamado João de Barros. Aquele era o melhor momento para a ação, a final todos estavam ocupados com os movimentos dos revoltosos nas feiras, e a cadeia estava com o número pequeno de soldados.

3. NECO DE BARROS NO MOVIMENTO QUEBRA- QUILOS, UMA HISTÓRIA A PARTE NA ESCRITA PARAIBANA.

O episódio sobre a abertura da cadeia de Campina Grande em meio a Revolta Quebra- Quilos foi um dos principais acontecimentos que marcaram a história da Paraíba. E a participação de Manoel de Barros, mas conhecido como Neco de Barros, na liderança do grupo que promoveria esta abertura, colocaria o

nome do mesmo escrito na história oficial paraibana; pois armados na noite de 23 de Novembro do ano de 1874, um grupo de oito homens saem de Queimadas em direção a Campina Grande com o objetivo de arrombar a prisão em meio a agitação da revolta, e libertar os presos que ali estavam. Como relata um dos escravos de Neco, chamado Thomé, em seu depoimento:

(...) Perguntado quantas pessoas vieram nessa ocasião tirar os presos, e quais os nomes... Respondeu que foram oito pessoas, sendo Neco de Barros, Antônio de Barros, Cazuza de Barros e Claudino filhos de Antônio de Barros e Neco de Barros, João e Cazuza de Barros filhos de José de Barros (...). (sic)⁷

Porém, cabe ressaltar que Neco de Barros tinha um alvo, um objetivo maior para participar de tal acontecimento e para realizar o arrombamento da cadeia de Campina Grande. Ele almejava libertar o seu pai, chamado João de Barros, que estava preso há algum tempo devido ser o culpado do assassinato que não havia cometido contra o então subdelegado HippolitoCaciano de Araújo, como também é comentado ainda no depoimento do escravo Thomé:

(...) Perguntado se sabia a razão por que foi preso? Respondeu que atribui sua prisão a ter vindo em companhia de seu senhor moço Neco de Barros tirar da cadeia desta cidade o seu senhor João de Barros, que se achava preso pela morte do HippolitoCaciano de Araújo (...). (sic)⁸

Mas como começou esta história envolvendo Neco de Barros, Manoel de Barros, HippolitoCaciano e a revolta Quebra- Quilos? O que teria levado Neco a participar apenas neste momento e neste movimento? Devemos ressaltar que este episódio do arrombamento da cadeia colocou Neco de Barros na História Oficial da Paraíba sob a afirmativa de ser até mesmo um cangaceiro; mas para que se saiba o que realmente aconteceu, vamos então à história:

O então João de Barros, pai de Manoel de Barros (Neco) era detentor de alguns bens, dentre eles: casas, terras entre Queimadas e Baixa Verde, animais e alguns tantos escravos, além de outras riquezas. De acordo com sua bisneta, chamada de Madá pelos familiares, ela relata que João de Barros era um bom homem, fazendeiro rico que não fazia mal algum aos seus escravos: “(...) *Era rico mesmo, muito rico (...)* Não, agora eu não sei a divisão das terras, mas ele tinha muita terra e tinha muito dinheiro. Tinha

⁷ Ver, Arquivo do professor Luciano Mendonça de Lima, que transcreveu o Sumário de Culpa por arrombamento de cadeia, Cartório do terceiro ofício, CG, 1875.

⁸ Ver, Arquivo do professor Luciano Mendonça de Lima, que transcreveu o Sumário de Culpa por arrombamento de cadeia, Cartório do terceiro ofício, CG, 1875, passim.

*moeda de ouro, que as moedas foi e enterrou”(sic)*⁹. Porém mesmo que a sua bisneta relate esta afirmativa, o inventário¹⁰ (lista de bens, deixado em documento) registra estes mesmos bens citados anteriormente, confirmando de certa forma que o mesmo detinha de alguma certa economia, que para a mesma época poderia se considerar como um tal homem rico.

Mas durante o ano de 1873, Neco de Barros, tem uma discussão com o subdelegado HippolitoCaciano de Araújo, ocasionada devido a afirmação que Caciano havia feito à Neco, dizendo que ele teria dado uma surra em uma certa mulher, e deste mesmo modo deveria ser então preso, começando então um relativo conflito entre ambos, o subdelegado e Neco de Barros. Mas na mesma entrevista realizada com a bisneta Madá, existe um outro relato, sabe-se que na verdade já existia uma certa inimizade entre João de Barros e o subdelegado de Fagundes, quando em um dia de feira sai o pai de Neco, João de Barros, junto com o seu escravo, então neste mesmo dia João tem uma discussão com Hippolito e sofre um tapa no rosto; voltando então triste e calado chega em casa, e ao longo dos dias seu filho Neco percebe que o seu pai não esta mais frequentando a feira e lhe dirige o questionamento em saber o por quê de seu pai não esta indo a feira. Mas a nenhum momento ele dá a resposta, até que o próprio escravo conta a Neco o que realmente aconteceu, e então ao tomar as dores de seu pai, ele pretende prestar contas com o então subdelegado de Fagundes, HippolitoCaciano. Como relata Madá:

(...) Deixa eu contar a história...Ele era político, ai ele foi pra João Pessoa, ai quando chegou lá foi para a feira, ai teve uma discussão com o político lá, ai deu uma tapa na cara do meu bisavô, ai ele arrastou o punhal mas não pegou, ai ele ficou com vergonha, não disse nada em casa e ficou calado. Ai o filho dele (Neco), perguntou: - Papai, por que o senhor não vai mais pra feira? Não, porque eu num quero ir, ai o escravo pegou e disse o que era; ai ele foi armou e quando acabou, foi e deu uma furada tão grande que caiu do cavalo, viu?...Ai ele disse que num queria confusão... Ai ele saiu arrumado com uma espada, pelo meio do mundo. Ai foi e pegaram o pai dele e prenderam, pra ele aparecer (...) (sic)¹¹

Inclusive baseado nos relatos existentes no Sumário de culpa por crime de morte, percebemos que realmente já existia um conflito entre João de Barros e Caciano, agravado pela discussão agora com Neco de Barros. Seguindo-se a história, no dia 03 de Agosto do ano de 1873, acontece o então assassinato que levaria João de Barros a ser preso e Manoel de Barros a seguir-se como fugitivo, após o ocorrido que se deu em

⁹Ver, Entrevista concedida em 20/ 03/ 2009, por Magdalena José de França, 80 anos.

¹⁰ Ver, Arquivo do professor Luciano Mendonça de Lima, que transcreveu o Inventário de João de Barros Souza e sua mulher Ana Jacinta, Juízo Municipal da cidade de Campina Grande, 1878.

¹¹Ver, Entrevista concedida em 20/ 03/ 2009, por Magdalena José de França, nascida em 11\02\1925 bisneta do então João de Barros e neta de Manoel de Barros, pai de sua mãe Francisca Barros de França.

Baixa Verde, já em resultado da discursão. Neco estava andando a procura de uns de seus cavalos no mato, quando subindo na estrada encontro o subdelegado vindo a cavalo, e neste mesmo momento, já quase que por duas horas da tarde, chega até o mesmo e pergunta por que ele queria o prender, sem mais delongas em vez de dar a resposta, Caciano coloca seu cavalo próximo a Neco, onde o mesmo percebe que o subdelegado esta armado com uma faca, nisto ele também se aproxima empunhando o seu chicote, contundo chega no mesmo lugar do conflito o seu pai, João de Barros, acompanhado por Joaquim do Rego e Nery de Tal, separando-o Neco do então Caciano e reclamando com o mesmo sobre o conflito, chega até dar-lhe algumas vezes com o cabo do chicote. Então Neco de Barros se retira do local, seu pai permanece e diz a HippolitoCaciano que sendo o mesmo o então subdelegado, poderia juntar uma tropa e prender a Neco, mas não ataca-lo na estrada.

Logo depois, Neco monta-se ao seu cavalo e retira-se seguindo em direção a Caciano que já estava a certa distância e passou algum tempo para o alcança-lo, até que se aproximando, o subdelegado segurando a rédea de seu cavalo atira-lhe uma faca que se deu a um então ferimento abaixo do pescoço, produzindo em Neco de Barros uma cicatriz vista no momento de seu depoimento, então o mesmo no episódio do conflito também revida, dando-lhe uma facada na barriga do então Caciano, produzindo-lhe a morte.

Logo depois do acontecido que segundo informações contidas no Sumário de Culpa por crime de morte e na entrevista de sua bisneta, Neco não é preso imediatamente, o mesmo depois de sua “vingança” sai em fuga no que resultará na prisão de seu pai. Pois a esposa do subdelegado HippolitoCaciano de Araújo, chamada de Ana Tereza de Araújo, vai até as autoridades locais e denuncia que “(...) *no dia 03 de Agosto do ano de 1873, fora assassinado no lugar de Baixa Verde, deste termo o seu infeliz marido, accuzando como authores deste crime o João de Barros Souza, e como cumplices, Joaquim do Rêgo e Nery de Tal (...)*”(sic)¹². Logo após a denúncia, logicamente as investigações começam, até mesmo porque o HippolitoCaciano não era qualquer pessoa e sim fazia parte do grupo de autoridades daquele local.

Ao longo do processo as testemunhas relatavam o acontecido, inclusive algumas delas afirmam que João de Barros Souza esteve envolvido no assassinato, mas a grande maioria condiz com a afirmação de que o culpado não era João e sim o filho Neco de

¹² Ver, Arquivo do professor Luciano Mendonça de Lima, que transcreveu o Sumário de culpa por crime de morte, CG, 1873.

Barros, que haveria fugido após ter cometido o crime, como mostra no Sumário de Culpa por crime de morte:

(...) A primeira testemunha disse que segundo o que tem ouvido dizer, João de Barros, e seus companheiros correram para o lugar do conflito para aparta-lo, e que se houvesse acordo entre João de Barros e seu filho teriam escolhido uns dos muitos meios de praticar o crime, escapando a ação da justiça, e tornando difícil a prova, convencendo-se que tal acordo não houve, e a morte deu-se independente da vontade de João de Barros, e seus companheiros. (sic) ¹³

E em confirmação com a entrevista, pela qual Madá relata: “(...) *ai ele foi armou e quando acabou, foi e deu uma furada tão grande que caiu do cavalo, viu? (...) Ai ele saiu arrumado com uma espada, pelo meio do mundo. Ai foi e pegaram o pai dele e prenderam, pra ele aparecer (...) (sic)*”. Como podemos perceber a fala de sua bisneta, a fuga realmente resultou no aprisionamento do seu pai, apesar deste não ter sido o real culpado de tal crime, como também é mostrado por Luciano Mendonça de Lima: “*O filho Manuel de Barros, fugiu, enquanto o seu pai, foi preso, julgado e absorvido*”.

João de Barros se tornou como uma isca para as autoridades, que o prenderam para que seu filho aparecesse. Porém, é necessário analisar que o assassinato aconteceu motivado por uma discussão entre Neco de Barros e o subdelegado de Fagundes, e apesar de ter se envolvido no meio do conflito e também de certa forma já ter também uma inimizade com HippolitoCaciano, ele não havia cometido o assassinato, e sim seu filho Manoel de Barros que logo apareceria para livra-lo da prisão. Mas Neco de Barros esperou o momento certo para fazer tal coisa, e é a partir daí que os Nomes João e Neco de Barros vão fazer relação com o movimento Quebra-Quilos.

Segundo o relato da entrevista informal que se obteve com Madá, a todo tempo ele perguntava ao pai se era a hora de aparecer,

“(...) de vez em quando ele dizia assim: - Meu papai, quando é que eu vou ai? Esse ano?... Que não, que não! Ele (pai) sempre mandava dizer, quando passou mais um tempo, ai ele (pai) disse: - agora é o tempo meu filho se você pode vir. Ai ele foi, e soltou os presos todinhos (...)”. (sic) (Entrevista concedida em 20\03\2009, por Magdalena José de França, 84 anos)

E este mesmo contato realizado entre pai e filho, deveria ser feito no atual momento por um dos seus escravos, já que não tinha como ocorrer o contato físico entre ambos, pois afinal Neco de Barros era um fugitivo da justiça. Neste momento a

¹³ Ver, Arquivo do professor Luciano Mendonça de Lima, que transcreveu o Sumário de culpa por crime de morte, CG, 1873, passim.

“entrevistada” vai fazer a referencia com o movimento Quebra- Quilos, e é a partir deste mesmo acontecimento que a história do movimento e da família Barros entra em conexão. Ficando perceptível que Neco sempre queria ir a Campina Grande em busca de seu pai, mas ele havia de esperar o melhor momento.

E o melhor momento estava “a porta”, Campina encontrava-se atordoada com os últimos acontecimentos entrelaçados ao movimento Quebra-Quilos, os revoltosos se organizavam em grandes números na busca de acabar de vez com o novo sistema de pesos e medidas impostas pelo governo Imperial, além de outros impostos abusivos para os feirantes, como exemplo, o imposto do chão, já também mencionado neste mesmo trabalho. Campina chega até mesmo, a indagar tamanha revolta que algumas autoridades da época, saem da cidade e vão para alguns lugares em proximidade mais tranquilos.

Aproveitando-se desse momento Neco que era também amigo do considerado líder da revolta Quebra- Quilos, o então João Carga D’Água, juntasse em grupo e vai até a prisão da Cidade de Campina Grande, na busca da libertação de seu pai; “(...) *por volta de uma hora da noite de 23 de Novembro do ano de 1884 um grupo de oito homens armados assaltou a cadeia pública desta cidade, arrombou o alçapão da prisão dos homens, e dela fez subir o criminoso João de Barros Souza (...)*”.¹⁴ Era então o melhor momento para o ocorrido, Neco libertaria seu pai sem ter o perigo de ser pego por soldados, já que ele também estava acompanhado de um bom grupo de homens, a quantidade de soldados na prisão era relativamente baixa, e no mesmo instante um grupo liderado por João Carga D’Água, invadia outro local da cidade.

Após o arrombamento da prisão, o grupo que efetivou este episódio foi tranquilo comemorar a façanha, como relata uns dos escravos de João de Barros, de nome Thomé, no Sumário de culpa por crime de arrombamento da cadeia: “(...) *depois que saíram da cadeia foram para casa de Manoel Nunes onde beberam aguardente e depois foram para Baixa Verde onde chegaram de madrugada (...)*”¹⁵. A partir daí foi perceptível o tamanho da grandeza que a revolta ganha, as autoridades, dentre elas o juiz de direito se ver de mãos atadas. Sendo confirmado que o melhor momento para Neco libertar o seu pai da cadeia, em que estava pagando pelo crime que não havia cometido, foi realmente este. O crime de culpa foi destinado ao então Neco de Barros que a algum tempo depois, receberia outra acusação de crime, referente ao arrombamento da prisão que acarretará em sua prisão.

^{14 e 15} Ver, Arquivo do professor Luciano Mendonça de Lima, que transcreveu o Sumário de Culpa por arrombamento de cadeia, Cartório do terceiro ofício, CG, 1875, passim.

Mas então se estabelece a dita relação, Neco aproveita o movimento para livrar o seu pai da prisão, pois havia cometido um crime de assassinato em que João de Barros pagaria em seu lugar. E a participação efetiva dele no Quebra-Quilos foi exclusiva para este objetivo, ele não participou porque fazia parte do movimento, ou era um feirante popular que queria acabar com os ditos do Império, ou ainda como relata a História de Campina Grande do autor Elpídio de Almeida, afirmando que o então Neco de Barros fazia parte de um grupo de cangaceiros desordeiros.

Seu objetivo de participação não estava incluído a de um povo que lutava contra os mandatos imperiais, e sim de um homem que por esperteza aproveitasse da situação em busca de seus próprios interesses.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização dos estudos, análises e pesquisas, dentro das fontes bibliográficas, documentais e do uso da entrevista realizada; ficaram claros os porquês do movimento Quebra-Quilos na cidade de Campina Grande juntamente com a real participação de Manoel de Barros neste mesmo movimento.

Manoel de Barros, tantas vezes relatado na história paraibana como um participante dos formados grupos de cangaceiros, como um criminoso nato que almejava colocar a desordem na cidade, abrindo as cadeias da prisão e libertando todos os presos que ali estavam, tinha um objetivo principal a seguir. Enquanto os outros populares seguiam com João Carga D'Água reivindicando a cobrança dos chamados impostos do chão e não tolerando mais as exigências do governo, com o novo sistema métrico de pesos e medidas, Neco de Barros seguia para a prisão da cidade com um grupo de oito homens que desafiavam as autoridades e realizam a abertura de todas as celas; colocando o seu pai João de Barros em liberdade.

Pois o real motivo que a nossa exposição procurou deixar clara ao longo do texto, foi à participação de Neco no movimento Quebra-Quilos em livrar o seu pai da prisão, que pagava por uma pena condenada pela justiça ao então Neco de Barros, que assassinou o subdelegado de Fagundes, conhecido por HippolitoCaciano de Araújo, motivado pela realização de uma discussão, e não porque participava de um composto grupo formado por rebeldes cangaceiros. Pois ele mesmo mostra que o melhor momento para realizar a

sua intenção era aquela, a cidade estava agitada devido ao Quebra-Quilos, todos se encontravam apreensivos devido as constantes movimentações que os grupos de populares realizavam.

Enfim, tratar-se de alguns personagens fora dos grandes nomes políticos, que tiveram grande destaque na sociedade, e saber as circunstâncias e os objetivos que fizeram os mesmos estarem ali, foi o alvo deste artigo; pois sempre que lemos as grandes obras da história paraibana, percebemos que as camadas dos populares ficam esquecidas, e se por algum momento forem citadas são estabelecidas como classe de ignorantes, homens selváticos, desprovidos de boa índole e outros.

Então no contexto em que se apresentava a sociedade brasileira, na década de 1870, com a crise social, econômica e política, entra em questão o movimento Quebra-Quilose mais ainda os personagens que dela fazem parte, como exemplo, os escravos, os feirantes, comerciantes edesocupados. Sendo importante perceber que a história só começa a ganhar vida, quando os personagens existentes também ganham vida, e isto é um dos objetivos da história social de Thompson e também deste artigo; relatar quem participou e porque participou, qual foi a sua intenção, demonstrando que todos que ali estavampossuíam as suas mais diversas intenções.

Por fim, as fontes asseguram e muito tudo o que foi discutido neste mesmo trabalho, através da leitura das mesmas encontramos o que confirmavam a real participação de Manoel de Barros no Quebra-Quilos, e muitos outros relatos de sua vida como exemplo, a posterior acusação de crime por arrombamento da cadeia e sua futura prisão. Incluindo também que de certa forma e mesmo sem perceber, a vida de Neco de Barros vai estar interligada ao movimento antes, durante e depois; antes porque ele comete o assassinato que levará o seu pai a prisão, durante, pois esta mesma prisão será arrombada no movimento Quebra-Quilos e depois, pois ele será acusado e preso por cometer este tal arrombamento.

Então da mesma forma queo Quebra-Quilos obteve um conhecimento em números, enquanto movimento e em trabalhos acadêmicos escritos, ele também gerenciou um grande número de relações e interesses interpessoais entre aqueles que de qualquer forma dele o fizeram parte.

REFERÊNCIAS

- **Bibliografias:**

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. P.155-202.

ALMEIDA, Elpídio de. *História de Campina Grande*, 2ª ed. UFPB, 1979.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. P.23-75.

LIMA, Luciano Mendonça. *Derramando Susto: os escravos e o Quebra-Quilos em Campina Grande*. Campina Grande: EDUFCG, 2006.

MAIOR, Armando Souto. *Quebra-Quilos Lutas sociais no outono do Império*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria ou o planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

- **Fontes:**

Art. 149 do Código Penal - Decreto Lei 2848/40

Arquivo do professor Luciano Mendonça de Lima, que transcreveu os documentos do: Cartório do 3º Ofício Cível de Campina Grande.
Inventários Post Mortem. 1848-1888.

Arquivo do professor Luciano Mendonça de Lima, que transcreveu os documentos do: Cartório da 1ª Vara do Tribunal do Júri de Campina Grande.
Processos criminais: 1872-1888.

Entrevista concedida em 20/ 03/ 2009, por Magdalena José de França, 84 anos.

APÊNDICE

Apêndice I

- Entrevista¹⁶:

“(…)

(Sobrinha): - O pai de Neco de Barros era fazendeiro?

(Madá): - Era rico mesmo, muito rico.

(Ana): - Você chegou a conhecer as terras dele?

(Madá): - Não, agora eu não sei a divisão das terras, mas ele tinha muita terra e tinha muito dinheiro. Tinha moeda de ouro, que as moedas foi e enterrou.

(Sobrinha): Ela diz Bebé (Ana), que quase todas as terras dele ia de Queimadas a Fagundes.

(Ana): - Agora Madá, foi ele que teve escravo, que foi dono de escravo?

(Madá): - Deixa eu contar a história...Ele era político, ai ele foi pra João Pessoa, ai quando chegou lá foi para a feira, ai teve uma discussão com o político lá, ai deu uma tapa na cara do meu bisavô, ai ele arrastou o punhal mas não pegou, ai ele ficou com vergonha, não disse nada em casa e ficou calado. Ai o filho dele (Neco), perguntou: - Papai, por que o senhor não vai mais pra feira? Não, porque eu num quero ir, ai o escravo pegou e disse o que era; ai ele foi armou e quando acabou, foi e deu uma furada tão grande que caiu do cavalo, viu?...Ai ele disse que num queria confusão... Ai ele saiu arrumado com uma espada, só deu uma, pelo meio do mundo. Ai foi e pegaram o pai dele e prenderam, pra ele aparecer, ai ele aguentou dois anos, de vez em quando ele dizia assim: - Meu papai, quando é que eu vou ai? Esse ano?... Que não, que não! Ele (pai) sempre mandava dizer, quando passou mais um tempo, ai ele (pai) disse: - agora é o tempo meu filho se você puder vir. Ai ele foi, e soltou os presos todinhos. A cadeia era lá na praça da bandeira... Ainda!

(Ana): - O que você sabe mais a respeito da família desse seu bisavô, que tinha essas terras, que era bem rico? João de Barro; Além de ser dono de escravo...

(Madá): - Só sei que ele era uma boa pessoa pra as pessoas, ele era desses de quando os empregados, quando era no fim do ano, ele mandava matar um boi, repartia pra todos, pra os escravos, pra todos. Teve uma escrava que já tava velha, essa escrava morreu e ele sentiu muito, ele não maltratava ninguém, era uma pessoa muito consciente, não gostava de judiar com ninguém, gostava de agradar.

(Fernanda): - é verdade que ele deu um pedaço de terra a cada escravo?

(Madá): - é, os escravos dele num morava com ele não, cada qual tinha seu canto.

¹⁶Entrevista concedida em 20/ 03/ 2009, por Magdalena José de França, 84 anos. Devido a idade já avançada da mesma, foi mais uma conversa informal, do que propriamente uma entrevista. Esta foi escrita, de acordo com o que ela falou, nos mínimos detalhes, podendo ser percebido que em algumas partes a leitura deve ser realizada com basta atenção, para que os argumentos de Magdalena sejam compreendidos.

(Fernanda): - Neco de Barros. Ele conheceu João Carga D'água foi?

(Madá): - Foi ele era muito amigo! Essa é a história do Quebra-Quilos, aqui em Campina Grande e tem outras pessoas que eu não lembro que era umas três pessoas.

(...)”.